

O Martírio de Policarpo

Por Rev. Victor Ximenes

Como sabemos, Esmirna era profundamente fiel à Roma e a César. Também sabemos que naquela bela cidade da Ásia havia uma grande e influente comunidade judaica. Estas foram características de Esmirna que juntas formaram um ambiente hostil para os cristãos. Concluiremos o breve estudo da carta à igreja em Esmirna com a história do mais famoso mártir cristão daquela cidade.

Policarpo foi martirizado no sábado, 23 de fevereiro do ano 155 d.C. Era a hora dos jogos públicos, a cidade estava cheia e a multidão estava animada. De repente, o grito aumentou: "Procurem Policarpo!" Esse era o grito dos membros da sinagoga de Satanás que eram acompanhados por um grupo de soldados romanos.

Seu paradeiro foi entregue por alguém que caiu sob tortura. A acusação era de negar a divindade de César. Eles vieram para prendê-lo. Ele os convidou para uma refeição e solicitou aos irmãos que lhes dessem tudo o que desejassem. Pediu aos seus captores que lhe permitissem o privilégio de uma última hora em oração, o que lhe foi concedido. Nem o capitão da guarda romana queria ver Policarpo morrer, pois na breve jornada para a cidade ele implorou ao velho pastor: "Que mal é dizer 'César é o Senhor' e oferecer sacrifício e ser salvo?" Mas Policarpo foi firme em afirmar que apenas Jesus Cristo era o Senhor.

Quando Policarpo entrou na arena, o procônsul deu a ele a opção de amaldiçoar o nome de Cristo e sacrificar a César ou morrer. "Oitenta e seis anos eu o servi", disse Policarpo, "e ele nunca me fez mal. Como posso blasfemar contra meu rei que me salvou? "O procônsul ameaçou queimá-lo, e Policarpo respondeu: "Você me ameaça com o fogo que queima por um tempo e é rapidamente extinto, pois não conhece o fogo que aguarda os ímpios no julgamento que está por vir e no castigo eterno. O que você está esperando? Venha, faça o que quiser!" Assim, as multidões vinham, como bichos, de todos os cantos da cidade, e os judeus, apesar de estarem violando a lei do sábado, carregavam os fardos de lenha para o fogo. Eles pregariam o velho pastor à estaca, mas ele lhes falou: "Deixe-me como estou, pois quem me dará poder para suportar o fogo também me concederá permanecer nas chamas, imóvel, mesmo sem os pregos". Então o deixaram solto nas chamas, e Policarpo fez sua grande oração:

Ó Senhor, Deus Todo-Poderoso, Pai de teu bendito e bem-amado Filho Jesus Cristo, por quem nós temos conhecimento de ti; Deus dos anjos e das potestades, Deus de toda a criação e de toda família dos justos, que vivem em tua presença: eu te bendigo por me teres julgado digno de ser contado no número de teus mártires e de participar do cálice de Cristo para a ressurreição da alma e do corpo na vida eterna, e na incorruptibilidade do Espírito Santo. Possa eu hoje, com eles, ser aceito em tua presença, como sacrifício precioso e agradável: Tu me preparaste para ele, tu me revelaste, guardaste tua promessa, Deus de fidelidade e de verdade. Por esta graça e por tudo, eu te louvo, te bendigo, te glorifico por meio de Jesus Cristo, teu Filho bem-amado, eterno sumo-sacerdote nos Céus. Por Ele, que está contigo e com o Espírito Santo, te seja dada toda a glória, agora e pelos séculos vindouros. Amém.

Policarpo morreu como mártir da fé. Manter firme o compromisso com Cristo em Esmirna certamente não foi fácil, no entanto, a carta a essa igreja é uma das duas em que há apenas elogios e palavras de consolo e fortalecimento.